

LETRAMENTO DIGITAL E INTERGERACIONALIDADE
ALFABETIZACIÓN DIGITAL E INTERGENERACIONALIDAD
DIGITAL LITERACY AND INTERGENERATIONALITY

Victória Maria de Freitas Nunes¹
<https://orcid.org/0000-0001-6574-1860>

Leonardo Farias de Arruda²
<https://orcid.org/0000-0001-6188-4661>

Maria do Carmo Eulálio³
<https://orcid.org/0000-0002-5596-8428>

Resumo

O uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação tem sido realizado de diferentes formas de acordo com os objetivos, propósitos, necessidades, demandas e contextos. Em contrapartida ao acelerado crescimento do ambiente digital, a população idosa foi inserida ao uso das TDICs de forma abrupta e sem auxílio. Diante deste cenário, o letramento digital se mostra de fundamental importância para o desenvolvimento de competências informacionais associado à uma perspectiva intergeracional. A pesquisa articula as temáticas de letramento digital e intergeracionalidade e tem por objetivo analisar o aprendizado do letramento digital de pessoas idosas e a relação com os jovens nativos da era tecnológica. Trata-se de um estudo quase-experimental com avaliação pré e pós-intervenção, realizado com 13 pessoas idosas no período entre junho e julho de 2021. Para o desenvolvimento das intervenções educativas, os participantes foram divididos em dois subgrupos a fim de melhor atender solicitações. A equipe facilitadora das intervenções foi composta por dois alunos jovens e 13 pessoas idosas de ambos os sexos. Os participantes foram divididos em dois grupos e foram realizadas 6 intervenções com cada grupo, com duração média de duas horas uma vez por semana. Ao promover o diálogo, a troca de conhecimentos e a capacitação tecnológica, foram evidenciadas diferenças estatisticamente significativas nos domínios: busca de informação; contato social; lazer e entretenimento; e cuidado

¹ Mestranda em Psicologia da Saúde pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Saúde da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: vivifreitasn.oo@gmail.com

² Mestrando em Psicologia da Saúde pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Saúde da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Graduado em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: nado.lfa@gmail.com

³ Doutora em Psicopatologia Clínica pela Université Paul Valéry. Professora do Mestrado em Psicologia da Saúde na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Graduação em Psicologia e em Licenciatura Plena em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Mestrado em Diplome d'Etude Approfondi pela Université de Montpellier II. E-mail: carmitaeulalio.uepb@gmail.com

Como referenciar este artigo:

NUNES, Victória Maria de Freitas; ARRUDA, Leonardo Farias de; EULÁLIO, Maria do Carmo. Letramento digital e intergeracionalidade. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 25, p. 1-21, 2023.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v25i1.7729>

em saúde. Além disso, foram percebidos benefícios na inclusão digital proporcionando um uso com maior autonomia, segurança e confiança, assim como sentimento de pertencimento, cidadania e inclusão social.

Palavras-chave: Pessoas idosas. Letramento digital. Intergeracionalidade.

Resumen

El uso de las Tecnologías Digitales de la Información y Comunicación se ha llevado a cabo de diferentes formas según los objetivos, propósitos, necesidades, demandas y contextos. Sin embargo, a pesar del rápido crecimiento del entorno digital, la población de personas mayores ha sido introducida de forma abrupta y sin ayuda en el uso de las TDIC. Ante esta situación, la alfabetización digital se muestra de fundamental importancia para el desarrollo de competencias informativas asociadas a una perspectiva intergeneracional. La investigación articula los temas de alfabetización digital e intergeneracionalidad y tiene como objetivo analizar el aprendizaje de la alfabetización digital en personas mayores y la relación con los jóvenes nativos de la era tecnológica. Se trata de un estudio cuasiexperimental con evaluación previa y posterior a la intervención, realizado con 13 personas mayores en el período entre junio y julio de 2021. Para el desarrollo de las intervenciones educativas, los participantes se dividieron en dos subgrupos con el fin de atender mejor a sus solicitudes. El equipo de intervención estuvo compuesto por dos estudiantes jóvenes y 13 personas mayores de ambos sexos. Los participantes se dividieron en dos grupos y se llevaron a cabo 6 intervenciones con cada grupo, con una duración promedio de dos horas una vez por semana. Al fomentar el diálogo, el intercambio de conocimientos y la capacitación tecnológica, se evidenciaron diferencias estadísticamente significativas en los dominios de búsqueda de información, contacto social, ocio y entretenimiento, y cuidado de la salud. Además, se observaron beneficios en la inclusión digital, brindando un mayor uso autónomo, seguridad y confianza, así como un sentimiento de pertenencia, ciudadanía e inclusión social.

Palabras clave: Personas mayores. Alfabetización digital. Intergeracionalidad.

Abstract

The use of Digital Information and Communication Technologies (DICTs) has been carried out in different ways according to objectives, purposes, needs, demands, and contexts. However, in contrast to the accelerated growth of the digital environment, the elderly population has been abruptly introduced to the use of DICTs without assistance. In this scenario, digital literacy proves to be of fundamental importance for the development of informational competencies associated with an intergenerational perspective. The research combines the themes of digital literacy and intergenerationality and aims to analyze the learning of digital literacy in elderly individuals and its relationship with young individuals who are natives of the technological era. This is a quasi-experimental study with pre- and post-intervention evaluations, conducted with 13 elderly individuals between June and July 2021. To develop the educational interventions, the participants were divided into two subgroups in order to better meet their needs. The intervention team consisted of two young students and 13 elderly individuals of both sexes. The participants were divided into two groups, and six interventions were carried out with each group, with an average duration of two hours once a week. By promoting dialogue, knowledge exchange, and technological empowerment, statistically significant differences were observed in the domains of information seeking, social contact, leisure and entertainment, and health care. In addition, benefits in digital inclusion were perceived, providing greater autonomy, security, and confidence in use, as well as a sense of belonging, citizenship, and social inclusion.

Keywords: Elderly people. Digital literacy. Intergenerationality.

INTRODUÇÃO

Uma das características mais marcantes das últimas décadas é a rápida expansão do desenvolvimento tecnológico acompanhada da interconexão dos dispositivos de comunicação e informação *online*. Esta junção - desenvolvimento e interconexão - se constitui como um aspecto estruturante do espaço digital, considerando-o como um ambiente virtual de contato, trocas e experiências de caráter uno e multifacetário (OLIVEIRA; SILVEIRA; SILVA, 2020).

Em resposta ao acelerado crescimento do ambiente digital, diversos espaços e instituições vêm expandindo suas práticas através do uso de tecnologias (OLIVEIRA; PEREIRA, 2021). Concomitante, surgem diferentes termos para reportar-se a este recurso, contudo, ao considerar o crescente uso de equipamentos digitais, uma das expressões mais adotadas é Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação - TDICs (SCHUCK; CAZAROTTO; SANTANA, 2020).

O uso de TDICs tem sido realizado de diferentes formas de acordo com os objetivos, propósitos, necessidades, demandas e contextos (SOARES, 2021), sendo caracterizado como promotor das relações humanas e produto de uma tessitura social que pode promover sensações de liberdade e participação social (OLIVEIRA; SILVEIRA; SILVA, 2020). Além disso, as tecnologias digitais têm contribuído para tornar o cenário cultural cada vez mais complexo, à medida que o universo de informações se entrelaça com a cultura estabelecida, gerando novos conhecimentos que não podem ser dissociados dela (TAMANINI; SANTOS; SOUZA, 2020).

Em contrapartida, a população idosa foi inserida no uso das TDICs de forma abrupta e sem auxílio no desenvolvimento de competências informacionais para um uso de forma autônoma e segura. Isto porque, esse grupo etário experienciou durante um longo período o uso de plataformas de comunicação de via única, apresentando um modelo de receptor passivo, como rádio e televisão (LUCE; THOMAS; ESTABEL, 2019).

Com a revolução tecnológica, esse cenário sofreu alterações e as pessoas idosas foram denominadas como imigrantes digitais (LUCE; THOMAS; ESTABEL, 2019). Já as pessoas nascidas após 1980 foram denominadas como nativos digitais, isto porque seus nascimentos procederam a aquisição da *internet* em um cenário mundial, sendo assim, a aprendizagem de atividades cotidianas, como o trabalho e o estudo, foram perpassadas pelo mundo digital (PENIDO; SILVA, 2021).

Para Flauzino et al. (2022), a população idosa se encontra em uma lacuna digital - um espaço desigual quanto ao acesso às TDICs em comparação a outros grupos etários. Somado a este cenário, as pessoas idosas estão mais sujeitas a riscos dos ambientes digitais (LUCE; THOMAS; ESTABEL, 2019). Nesse sentido, Klimova et al. (2018) destacam que, com o avanço das tecnologias digitais surge a necessidade de elaboração de cursos e aulas voltados para a literacia midiática informacional - processo de aprendizagem para utilização das mídias e informações - com a população idosa.

O letramento digital é compreendido como uma prática social educacional para o desenvolvimento de habilidades tecnológicas que facilitam a realização de práticas digitais com reflexividade dos sujeitos que a efetuam, compreendendo, neste processo, a inclusão de aspectos sociais, culturais e discursivos nos processos de aprendizagem (LIMA NETO; CARVALHO, 2022).

Nesse íterim, salienta-se a importância da realização de intervenções sobre tecnologias com pessoas idosas em uma perspectiva intergeracional, conforme apontam Mota e Neves (2019), uma vez que os mais jovens, como nativos digitais, podem auxiliar no processo de aprendizagem tecnológica e digital, além de promover maior contato e proximidade entre as gerações.

Perante este cenário, o Grupo de Estudos e Pesquisas em Envelhecimento e Saúde (GEPES) da Universidade Estadual da Paraíba realizou uma pesquisa quase experimental por meio da realização de um programa de intervenções em letramento digital com pessoas idosas sob uma perspectiva intergeracional. Logo, o presente trabalho tem como objetivo analisar o aprendizado do letramento digital de pessoas idosas e a relação com os jovens nativos da era tecnológica.

2. METODOLOGIA

2.1 Tipo de pesquisa

Trata-se de um estudo quase-experimental, baseado em pré e pós intervenção. Foram analisadas as mudanças relativas ao manuseio e ao conhecimento sobre *smartphones* ocorridas nas pessoas idosas antes e depois de intervenções educativas.

2.2 Amostra

A amostra do estudo foi composta por 13 pessoas idosas (4 homens e 9 mulheres), egressos de uma Universidade Aberta à Maturidade, no período entre junho e julho de 2021. A amostra foi selecionada por meio da amostragem não probabilística por conveniência em bola de neve (Vinuto, 2014), por meio de critérios de inclusão/exclusão durante a fase de recrutamento dos participantes. Constituíram os critérios de inclusão da pesquisa pessoas idosas com 60 anos ou mais que usavam *smartphones* por pelo menos 2 meses. No tocante ao critério de exclusão não foram incluídas pessoas idosas que apresentaram comprometimento cognitivo severo conforme o Mini Exame do Estado Mental (MEEM).

2.3 Instrumentos de coleta de dados

A coleta de dados foi dividida em três etapas, sendo estas: (1) Caracterização da amostra por meio de um questionário sociodemográfico e por um questionário breve tipo Likert sobre uso de *smartphones*; (2) Entrevista semiestruturada; (3) Intervenções educativas.

Para o desenvolvimento das intervenções educativas, os 13 participantes foram divididos em dois subgrupos a fim de melhor atender solicitações e orientações repassadas pelos jovens nativos da informática. A equipe facilitadora das intervenções foi composta por dois alunos, um rapaz e uma moça, pós-graduandos em Psicologia da Saúde, sob a supervisão da professora orientadora. Cada subgrupo participou de seis encontros com duração média de duas horas, com um encontro por semana.

As intervenções foram estruturadas em quatro etapas: Exposição teórica; Treinamento prático; Revisão; Atividade assíncrona. No primeiro momento eram apresentados aspectos essenciais para o manuseio, apresentação de aplicativos e suas funcionalidades, a partir de recursos audiovisuais. Ainda nessa etapa, os participantes interagiram e discutiam possíveis dúvidas que emergiram naquele momento. Durante esse processo os participantes contavam com o apoio informacional da equipe intervencionista.

Na segunda etapa, com o celular em mãos, os participantes partiram para ação e exploravam no celular o conteúdo que era apresentado teoricamente. A equipe facilitadora das intervenções prestava apoio individual enquanto os participantes experimentaram a aplicação dos novos conhecimentos. Na terceira etapa, ocorria a revisão teórica que consistiu no direcionamento de perguntas aos participantes além de estimular o manuseio através de pequenos desafios para realizar determinadas ações. Por fim, na quarta etapa, era solicitado que os participantes realizassem atividades assíncronas orientadas para promover a autonomia no uso do celular, além de um material de apoio, disponibilizado impresso e virtual, contendo um guia sobre as temáticas de cada encontro.

A seguir são apresentadas como as intervenções ocorreram:

Intervenção 1: Foram apresentados aspectos gerais do smartphone, como teclas gerais, principais funções, uso da função de contatos e câmera. Como prática, os participantes foram convocados a realizar a gravação de um vídeo e na captura de fotografias, de escolha livre, individual ou coletiva. Em seguida, retomamos para realizar a revisão dos conteúdos programáticos apresentados em que os participantes explicaram teoricamente e na prática como efetivar as ações aprendidas. A atividade assíncrona foi proposta em adicionar um novo contato, analisar o histórico de ligações e gravar um novo vídeo em configurações diferentes do vídeo gravado em sala.

Intervenção 2: Ocorreu com a exposição sobre o *Google* e o *Youtube*, sobre como realizar pesquisas, como pesquisar por fotos e vídeos ou notícias, o compartilhamento de conteúdo e como associar esses aplicativos com atividades do cotidiano. As aplicações nas atividades diárias englobam aspectos de pesquisa de soluções de problemas, bem como a utilização desses recursos para manter-se atualizado sobre notícias diárias. Ao partir para

o treinamento prático, os participantes realizaram buscas sobre significados de diversos conteúdos no Google, já no tocante ao Youtube, a busca foi realizada a partir de músicas favoritas. Em seguida foi solicitado que os participantes compartilhassem o conteúdo em um grupo virtual pelo aplicativo de mensagens *Whatsapp*. A revisão aconteceu com o grupo apresentando o que aprenderam e como associar esse aprendizado no dia a dia a partir de exemplos. A atividade extra foi realizar pesquisas diversas no Google, além de pesquisar e fazer uma receita de comida através do YouTube.

Intervenção 3: Foi desenvolvido a apresentação acerca do aplicativo *WhatsApp* e suas principais funções, como enviar áudio, enviar mensagens, como criar um grupo, realizar videochamadas e como compartilhar arquivos e contatos. Ao colocar em prática o aprendizado teórico, os participantes foram direcionados a postar uma foto ou vídeo em seus *status*, enviar uma foto ou vídeo no momento em que as intervenções foram realizadas, e compartilhar alguma foto da galeria de imagens. Para revisar solicitamos que os participantes explicassem como era feito passo-a-passo para realizar cada ação realizada no momento anterior. Ao longo da semana, foi pedido para que cada participante realizasse uma chamada de vídeo com um amigo e que compartilhassem no grupo alguma foto de um momento especial.

Intervenção 4: Teve como objetivo explicar as características gerais acerca do aplicativo *Facebook*. No conteúdo teórico foram explicitados os botões de navegação, principais ícones, menu principal, *feed* de notícias, *messenger*, solicitação de amizade, publicações diversas e como curtir e comentar em publicações. Para exercitar todo aprendizado teórico, propomos que os participantes gravassem um *story* e postassem em seus facebook pessoais e a solicitar amizade entre si. Após esse momento, os participantes trocaram experiências e relataram como o processo ocorreu até chegar na realização da tarefa. O exercício assíncrono foi postar um vídeo ou foto no *feed* de notícias e curtir e comentar alguma publicação.

Intervenção 5: A finalidade do encontro foi abordar o *Instagram*. Foram exploradas as características deste aplicativo, os principais botões (ícones) e suas funções, o que é *feed*, *live*, *IGTV*, perfil, como curtir, comentar e compartilhar postagens e como encontrar e seguir perfis. Após esse momento, iniciamos o momento prático, onde os participantes

pueram postar uma foto no story adicionando música e texto na respectiva imagem, além disso, os participantes começaram a se seguir mutuamente. Para revisar esse momento, cada participante foi convocado a explicar um dos pontos trabalhados no momento teórico, em caso de dificuldade outro participante poderia auxiliar. Por fim, cada integrante praticou em casa como publicar uma foto, curtir e comentar fotos e enviar mensagens no privado de um amigo.

Intervenção 6: A última oficina funcionou com o objetivo de dar suporte às dúvidas que ainda restaram ao longo desse processo. Assim, os participantes puderam interagir com perguntas mais pontuais e necessidades específicas, como procurar aplicativos para cuidados em saúde, jogos digitais e auxílio para outros tipos de aplicativos.

2.4 Procedimentos Éticos

O desenvolvimento desta pesquisa cumpriu os princípios éticos de pesquisa com seres humanos, estando de acordo com Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012). Assim, o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual da Paraíba, sob o CAAE 60547422.1.0000.5187.

A fim de garantir a privacidade e a confidencialidade dos participantes, todos os nomes reais foram substituídos por nomes fictícios. Essa medida foi adotada para preservar a identidade dos envolvidos e garantir que suas informações pessoais não fossem divulgadas. Os nomes fictícios utilizados neste artigo foram escolhidos aleatoriamente e não têm relação com as identidades reais dos participantes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Caracterização da amostra

Os grupos desta pesquisa totalizaram a participação de 13 pessoas idosas, sendo 9 (aproximadamente 70%) mulheres e 4 (aproximadamente 30%) homens, com média de idade de 67,30 anos e desvio padrão=5,23. Referente à escolaridade, 4 (30,8%) relataram

ter ensino médio completo e 3 (23,1%) possuíam ensino superior completo. A média de anos estudados foi 11,46 e desvio padrão=2,96. Quanto à renda mensal, 4 (30,8%) recebem menos de um salário-mínimo e 6 (46,2%) recebem entre 1 e 2 salários-mínimos. No tocante a aposentadoria e pensão, 9 (69,2%) são aposentados, 4 (30,8%) não são aposentados, 2 (15,4%) recebem algum tipo de pensão e 11 (84,6%) não recebem pensão. Dentre estes, 2 (15,45%) não possuem nenhum tipo de renda fixa, recebendo provimento de trabalhos informais e/ou suporte familiar. Estes e outros dados podem ser observados na tabela 1.

Tabela 1 – Dados sociodemográficos dos participantes

Variáveis	Frequência (n=13)	Porcentagem (%)
<i>Idade</i>		
60 – 64	5	38,5
65 – 69	4	30,8
70 – 74	2	15,4
75 – 79	2	15,4
<i>Estado Civil</i>		
Casado(a) ou vive com companheiro(a)	6	46,2
Solteiro(a)	3	23,1
Divorciado(a)	3	23,1
Viúvo(a)	1	7,7
<i>Escolaridade</i>		
Ensino fundamental incompleto	1	7,7
Ensino fundamental completo	1	7,7
Ensino médio incompleto	3	23,1
Ensino médio completo	4	30,8
Ensino superior completo	2	15,4
Ensino técnico	1	7,7
Pós-graduação	1	7,7
<i>Aposentadoria</i>		
Sim	9	69,2
Não	4	30,8
<i>Pensionista</i>		
Sim	2	15,4
Não	11	84,6
<i>Renda individual*</i>		
Menos de um salário-mínimo	4	30,8
Entre 1 e 2 salários-mínimos	6	46,2
Entre 3 e 4 salários-mínimos	1	7,7
Mais de 4 salários-mínimos	2	15,4

*Valor do salário-mínimo R\$1.212,00.

3.2 Intervenções em letramento digital

O programa de intervenções foi elaborado com vistas a responder às demandas específicas de cada um dos participantes sobre as TDICs e facilitar um uso tecnológico e digital de forma consciente e crítica. Para tanto, o conteúdo das intervenções foi elaborado após a análise das entrevistas realizadas no período pré-intervenção, bem como cumpriu etapas que facilitam o processo de ensino-aprendizagem com uso de metodologias ativas.

Na Tabela 2 estão dispostos os resultados relacionados ao questionário breve sobre uso de *smartphones* antes e após as intervenções, sendo verificado através de pontuação obtida nos escores de cada dimensão. Para tanto, foi realizado o teste de *Wilcoxon Signed Rank* com o objetivo de investigar os níveis de cada domínio. Foram evidenciadas diferenças estatisticamente significativas nos domínios: busca de informação; contato social; lazer e entretenimento; e cuidado em saúde.

Tabela 2 - Resultado da escala sobre o uso das TDICs antes e após as intervenções

Variáveis	Média	DP	z	p-valor*
<i>Funções Gerais</i>				
Pré-intervenção	2,38	0,870	-1,933	0,053
Pós-intervenção	2,92	1,115		
<i>Busca de Informação</i>				
Pré-intervenção	2,08	1,038	-2,414	0,016*
Pós-intervenção	2,92	1,188		
<i>Contato Social</i>				
Pré-intervenção	2,38	0,870	-2,111	0,035*
Pós-intervenção	3,23	1,166		
<i>Lazer e entretenimento</i>				
Pré-intervenção	2,08	0,760	-2,701	0,007*
Pós-intervenção	3,31	1,109		
<i>Cuidado em saúde</i>				
Pré-intervenção	1,62	0,768	-1,980	0,048*
Pós-intervenção	2,54	1,266		

Fonte: Dados da pesquisa. * p-valor significativo ($p < 0,05$)

A categoria “cuidado em saúde” apresentou maior diferença na escala entre o período pré e pós-intervenção. Isto porque, no período anterior ao início do grupo, as atividades virtuais com menor percentual de realização foram as relacionadas à saúde. Com

as intervenções em letramento digital os participantes puderam ampliar as possibilidades de uso nesse domínio, não se restringindo apenas às atividades da telemedicina. Nossos achados, coadunam com os resultados obtidos no estudo de Soares et al. (2021)

O aumento do escore do *p-valor* na categoria “contato social” indica o aumento do uso das TDICs para vinculação social dos participantes. A leitura desses dados traz consigo a necessidade de se compreender que as TDICs têm exercido um papel transformador nas relações humanas ao criar novas formas de se relacionar com o meio, com o outro e consigo mesmo (ZACARIAS, 2021).

Nessa perspectiva, especialmente ao se considerar a população idosa, considera-se que a inclusão digital é uma parte fundamental de uma inclusão social (ABDON et al., 2022). Logo, o uso de ferramentas digitais para a criação e manutenção de vínculos sociais pelos participantes torna-se de grande importância para um aumento da participação social desse público.

De igual modo, os participantes destacaram os benefícios não só no processo de socialização através de novas tecnologias, mas também durante as intervenções. Este ponto propicia discussões acerca da importância de vivências grupais com a população idosa, tal importância reporta-se ao fato de que, nesta fase etária, há uma maior prevalência do sentimento de solidão e desamparo em razão da diminuição dos vínculos afetivos (KAWAKAMI et al., 2020). Destarte, a realização de intervenções grupais na velhice pode auxiliar na criação e fortalecimento de vínculos sociais.

Sobre isto, o participante André (68 anos), ao relatar sobre sua experiência nas intervenções, salientou que reside sozinho e que o grupo foi “sensacional, porque eu saí um pouco de dentro de casa, saí da mesmice do dia a dia”, acrescentando que foi um espaço para amizades, encontros e reencontros.

As intervenções também propiciaram benefícios em questões cognitivas como relatado por Elizete (68 anos), “me abriu muito a cabeça, a memória...”, e Cleide (60 anos), “o bom é o seguinte, pelas aulas [da UAMA] que a gente viu dos outros professores, a tendência é que cada vez mais no velho a memória... E aí, não, [as tecnologias] vem reativando, é ativar mesmo”.

O estímulo à memória proporcionado pelo uso das TDICs corrobora com os resultados encontrados em outras pesquisas nacionais, como o estudo de Diniz et al. (2021)

quando infere que o uso de tecnologias digitais pode estimular o trabalho cognitivo e o estudo de Eulálio e Arruda (2022) que infere o uso de TICs como ferramenta capaz de promover estimulação cognitiva com pessoas idosas.

Durante o período pré intervenção, os sentimentos de medo e insegurança foram relatados de forma muito frequente. Por outro lado, os resultados obtidos após a finalização do programa apontam que intervenções educativas sobre as TDICs com pessoas idosas podem possibilitar um uso com maior segurança, autonomia e confiança, como ilustram relatos dispostos abaixo. Isto porque, o letramento digital integra a perspectiva de capacitação dos sujeitos para um uso tecnológico de forma consciente (FLAUZINO et al., 2022).

“...muitas coisas que eu dependia de um vizinho, que eu moro só, não tenho a família nuclear, aí ficava pedindo a um vizinho, ‘faz isso aqui para mim’, ‘deleta isso’, até para acertar uma hora eu dependia dos outros” (André, 68 anos)

“Eu me senti mais segura em mexer em certos aplicativos que eu achava que não ia encaixar no meu dia a dia, eu aprendi a ter mais confiança em mexer nos aplicativos, porque tinha uns que eu sentia medo ainda” (Ana, 67 anos)

“...a gente tem mais facilidade de se comunicar, de mandar uma mensagem, de mandar uma foto” (José, 63 anos)

Para Melo, Ferreira e Silva (2021), o uso de tecnologias digitais na velhice pode promover melhorias na qualidade de vida e saúde mental. A esse respeito, a participante Elizete (68 anos) no período pré-intervenção, quando questionada sobre como se sentia ao usar seu *smartphone*, respondeu: “Eu sinto muita dificuldade, porque eu não consigo, quase sempre não consigo”. Já quando apresentada ao mesmo questionamento no período pós-intervenção, respondeu:

“Eu me sinto uma pessoa útil, porque antes era totalmente para baixo, inutilizada, depois desses dias da aula, eu comecei a me sentir útil, mais alegre, mais sabida (...) eu fiquei mais esperta, melhorei minha autoestima, fiquei mais ativa que eu era assim, muito calada, triste”.

Já Fernando (71 anos), ao ser indagado como se sentiu após as intervenções, relatou: “Eu estou me sentido alfabetizado”. Esse relato possibilita inferir a importância da integração dos conceitos de alfabetismo digital e letramento digital durante o

planejamento e realização das intervenções. Isto porque, para trabalhar no processo educativo na perspectiva do letramento digital é necessário possibilitar um entendimento da linguagem eletrônica e de suas normas e regras (PENIDO; SILVA, 2021).

Essa característica se mostrou de grande valia para o processo de ensino-aprendizagem das pessoas idosas, uma vez que puderam não só aprender a realizar atividades específicas no *smartphone*, mas também compreender nomenclaturas, teclas e funções de funcionamento geral e próprio do espaço digital, como ilustram os seguintes relatos:

“Aprendi coisas que eu não sabia, porque a gente fixa no *youtube* e no *google*, mas como você manejar as funções do celular lhe oferece, é muito bom. (Fernando, 71 anos)

“Foram coisas novas para mim, coisas que eu não sabia. Coisas tão simples que eu nem sabia que tinha as funções” (Antônia, 64 anos)

Já o letramento digital, ainda segundo Penido e Silva (2021), é uma “leitura de mundo”, isto posto, compreende uma aprendizagem que transcende aspectos de linguagem eletrônica, integrando, assim, contextos, comportamentos e práticas sociais. Cleide (60 anos) evidencia essa compreensão de leitura do mundo digital ao afirmar: “Eu faço agora sabendo o que estou fazendo”. Luciana (64 anos) corrobora ao dizer que o medo de usar o celular diminuiu por saber “da utilidade que ele tem para nós com consciência e com sabedoria também”.

O material de apoio se mostrou como um facilitador do processo de aprendizagem, conforme ilustra o relato de Clélia (67 anos):

“Eu tinha muito medo de mexer em muitas teclinha ali, muita coisinha que eu não sabia nem para onde ia, mas agora eu me lembro. Tudo que eu vou fazer eu me lembro: ‘Não, tem a apostila ali’. Aí vou e dou uma olhada. Então, passa segurança para a gente. Muito útil essa apostila que você forneceu para a gente, muito útil mesmo”

Os participantes destacaram a importância de uma postura acolhedora e solícita, criando condições formativas conforme apontam Roberto, Fidalgo e Buckingham (2014) que se caracterizam como ações de solidariedade intergeracional. Este espaço, por sua vez,

proporcionou às pessoas idosas um ambiente confortável para o esclarecimento de dúvidas e questões, como mostram os seguintes relatos:

“Eu tinha vergonha de perguntar e com essas aulas eu ganhei mais espaço para me descobrir mais” (Antônia, 64 anos)

“...muita paciência e muita dedicação, a gente podia perguntar várias vezes e eles respondiam com calma e paciência” (Cícera, 77 anos)

3.3 Letramento digital e intergeracionalidade

O letramento digital com pessoas idosas e o processo de intergeracionalidade são temas de grande relevância que se entrelaçam na sociedade contemporânea. A crescente dependência dos dispositivos digitais e da *internet* associado ao avanço demasiado das tecnologias torna fundamental a inclusão dessa população no processo de alfabetização digital (Flauzino et al., 2020). É importante ressaltar que o processo de letramento digital não deve se limitar ao uso básico dos dispositivos ou em sua automação, mas extrapolar para segmentos de uma utilização efetiva e crítica (TILVITZ; AREOSA, 2022).

Efetivar o letramento digital com pessoas idosas é uma provocação e nos convoca a repensar as características que são atribuídas especificamente a esse público. Há uma parcela de pessoas idosas que não cresceram junto ao avanço tecnológico e comumente apresentam dificuldades em tornar familiar os diversos dispositivos que surgem paulatinamente, com múltiplos modelos de smartphones e suas funcionalidades (OLIVEIRA; PEREIRA, 2021).

A linguagem e os termos utilizados no mundo virtual começam a fazer parte do cotidiano das pessoas idosas, entretanto, alguns desses termos ainda são desconhecidos sem seu real sentido e significado. Termos como: *story*, *feed*, *follow* e *unfollow*, *status* e *direct*, são, frequentemente, utilizados por jovens e adultos, e a uma parcela ínfima de pessoas idosas. Recorrer a uma linguagem acessível é essencial, evitando termos técnicos desassociados de sentidos é inserir a linguagem de forma confusa, ou seja, é necessário introduzir um sentido aos termos que são utilizados no processo de letramento digital.

Uma comunicação explícita e objetiva possibilita que o processo de aprendizado seja melhor compreendido.

“...porque eu não sei ainda mexer nisso "mandei o link", eu não sei ainda. Aí minha neta de 10 anos que fazia para mim, "olha, vovó, aqui", aí eu ia para a casa dela, as aulas era de manhã, "olhe, amanhã você acorde mais cedo para me ajudar, para ajudar vovó", ela botava, mas eu não aprendi ainda não.” (Rosa, 77 anos)

“Outra coisa também, live, o negocinho que tem que a gente assiste, é que eu tô esquecida do nome... Eu assisto muito... uma entrevista... tem outro nominho... [se referindo à *podcast*]” (Antônia, 64 anos)

É importante ressaltar que o letramento digital das pessoas idosas não se resume apenas ao uso de dispositivos eletrônicos, mas também envolve a compreensão e o desenvolvimento de habilidades críticas em relação ao mundo digital. Promover a intergeracionalidade e o letramento digital com os idosos traz diversos benefícios. Isso inclui a capacidade de avaliar a confiabilidade das informações encontradas online, proteger a privacidade e a segurança pessoal e lidar com as interações nas redes sociais (XIE et al., 2020; NIMROD, 2020).

Promover a intergeracionalidade e o letramento digital com pessoas idosas traz diversos benefícios. Além de proporcionar oportunidades de aprendizado e acesso a informações, o letramento digital pode melhorar a qualidade de vida, permitindo que eles se mantenham conectados com suas famílias, amigos e comunidade. O uso da tecnologia pode contribuir para a saúde mental e estimulação cognitiva (EULÁLIO; ARRUDA, 2022).

Em suma, a intergeracionalidade e o letramento digital com pessoas idosas são temas de extrema importância na sociedade atual. Ao promover o diálogo, a troca de conhecimentos e a capacitação tecnológica, podemos criar uma sociedade mais inclusiva, na qual os idosos também possam aproveitar os benefícios e as oportunidades oferecidas pela era digital.

No tocante à confluência das temáticas de intergeracionalidade e letramento digital, emerge a discussão sobre o lugar que a pessoa idosa tem ocupado frente às tecnologias. Para Penido e Silva (2021), há diferenças significativas no uso das TDICs entre as gerações. As diferenças geracionais foram percebidas e relatadas de forma frequente

pelos participantes, deixando explícito onde percebiam o lugar da pessoa idosa e do jovem na era digital.

A população idosa, como imigrante digital, se encontra em um acesso desigual às tecnologias comparado aos demais grupos etários. Isto pois, antes adaptada a uma tecnologia sem interação com o emissor, a população idosa foi exposta a uma dinâmica de interatividade em tempo real sem suporte informacional concomitantemente com a necessidade das mesmas para o gerenciamento de atividades cotidianas (LIMA, 2020). O relato do participante José (63 anos) retrata bem essa transição de uma tecnologia de comunicação passiva para as tecnologias digitais da informação e comunicação.

“...é uma tecnologia que caiu na mão da gente de repente. É como uma chuva de pedra [chuva de granizo] que nunca caiu em você, mas você sabe que um dia, de repente, ela vai cair em sua cabeça. Então, a tecnologia caiu assim na cabeça do povo sem a gente ter noção de nada”

José explana as repercussões de se estar como imigrante digital em uma era tecnológica, sobre a população idosa ele explica: “A gente fica mais ou menos como um cego, um analfabeto no ponto de ônibus sem saber para onde vai seguir”. Ao se referir às intervenções, coloca que elas o auxiliam a “sair do zero, da escuridão da tecnologia”. As palavras dele evidenciam a lacuna digital em que se encontravam.

O participante em questão já utilizava tecnologias digitais antes das intervenções, realizava algumas funções e atividades em seu aparelho, contudo, ainda assim se considerava “na escuridão da tecnologia”. Logo, consente-se com Penido e Silva (2021) ao salientar que o acesso às tecnologias não é suficiente, é necessário que este seja acompanhado de uma educação digital para o público idoso.

Por outro lado, os participantes descreveram os jovens em um espaço de maior conhecimento e domínio sobre o uso das TDICs, associando-os à ausência dos sentimentos que associam ao uso do celular pelo público idoso. Durante as entrevistas do período pré-intervenção, os idosos relataram de forma frequente, sentir medo e insegurança durante o uso tecnológico, já sobre a população jovem descreveram:

“...quando a gente é novo, a gente é impulsivo, a gente não tem medo. Quando a gente tá ficando velho, vão dizendo assim: ‘Tá vendo, tá vendo, não aprende’. (...) na velhice a gente tem medo de errar, ou então, mexer e quebrar e não saber

voltar e dizer: ‘Não, a senhora foi mexer aí...’. É diferente de vocês que estão na fase da aventura “ (Cleide, 60 anos)

“...porque eu sei que as crianças ninguém ensinou direito assim, ela vê o pai e a mãe, acho que porque ela não tem medo” (Rosa, 77 anos)

Ana (67 anos) no período pós-intervenção, quando indagada como se sentia utilizando as tecnologias, respondeu: “Me sinto jovem!”. Após desenvolver mais habilidades e ampliar seus conhecimentos sobre o mundo digital, Ana associou este cenário a uma característica da juventude, evidenciando que o jovem explicitamente estava relacionado a um maior conhecimento sobre as tecnologias.

Por outro lado, percebe-se que intervenções educativas sobre as TDICs podem promover maior proximidade entre as gerações e um sentimento de igualdade às outras gerações no uso das TDICs, desconstruindo a ideia de que o conhecimento das tecnologias é especificamente de domínio das gerações mais novas. Os relatos dispostos a seguir ilustram as afirmativas anteriores:

“...a gente não pode ficar para trás, nós temos que seguir igual com vocês (se referindo aos jovens da equipe facilitadora das intervenções), de mãos dadas, porque o mundo é da inovação” (Clélia, 67 anos)

“...a gente se sente capaz, que tá acompanhando a modernidade, para a gente é bom” (Ana, 67 anos)

“Eu me sinto igual a todos” (Lucas, 61 anos)

“...eu quero evoluir de modo que eu saiba fazer algo comum que todo mundo faz, não quero adentrar em coisas mais difíceis não, mas ao menos o natural” (Rosa, 77 anos)

Além disso, as TDICs puderam proporcionar maior pertencimento social em consonância com os resultados encontrados no estudo realizado por Conceição e Bifano (2020). Lucas relatou que o desejo de utilizar as tecnologias partiu de um desejo de maior participação social, como explicita o relato disposto abaixo.

“Eu queria ser muito popular, muito do mato, um rural urbano sem muita tecnologia. Mas, a gente vive no meio da tecnologia, se a gente não buscar a tecnologia, a gente fica esquecido” (Lucas, 61 anos)

“... me sinto capaz, a gente achava que só a mocidade era capaz, que o velho ia ficar isolado” (Ana, 67 anos)

Na sociedade contemporânea, privar uma pessoa do acesso à internet é privá-la de exercer sua cidadania (LUCE; THOMAZ, ESTABEL, 2021). Percebendo a inclusão social e, com isso, a inclusão digital, como um elemento fundamental na velhice, o estatuto da pessoa idosa traz em seu artigo 21º parágrafo o acesso à educação para uma inclusão digital e social de forma efetiva: “Os cursos especiais para pessoas idosas incluirão conteúdo relativo às técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos, para sua integração à vida moderna” (BRASIL, 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Eu achei o curso muito bom, os professores excelentes (se referindo aos jovens facilitadores das intervenções), muita paciência e muita dedicação, a gente podia perguntar várias vezes e eles respondiam com calma e paciência. Para mim foi muito importante fazer esse curso, muito importante mesmo (Cícera, 77 anos)."

Os resultados encontrados nesta pesquisa, demonstram que o letramento da digital estimulou que mudanças positivas no cotidiano das pessoas idosas ocorressem, como no manuseio e uso de TDICs, na busca de informação, de contato social, lazer, entretenimento e no cuidado em saúde. Outrossim, a partir dos relatos dos participantes, compreendemos que a participação social e aspectos emocionais, destacam-se como características de mudanças ao longo desse processo. Os próprios participantes tornaram-se autônomos, trocaram experiências entre si e ofereceram suporte uns aos outros, transmitindo conhecimento entre si.

Faz-se necessário entender que, ao longo do processo também foram encontrados obstáculos passíveis de resolução, como a falta de internet de qualidade, dispositivos diversos que eram utilizados pelos participantes e suas especificidades. Indicamos ainda que a presente pesquisa não representa toda a população de pessoas idosas de uma região, esta limitação é apontada como direcionamento para que novas propostas de letramento sejam efetivadas com um maior número de participantes e em realidades distintas.

Desta forma, enquanto proposta intergeracional, entendemos que a troca de saberes funcionou mutuamente, em que a construção foi efetivada coletivamente. Essa

interlocução se torna essencial em uma sociedade que busca a inserção social dessa população no mundo virtual. Esse reconhecimento fomenta a promoção de uma sociedade mais integrada e equitativa em relação às necessidades de todas as gerações, em especial a população idosa. É essencial destacar que os processos intergeracionais devem ser incentivados e propostos em diferentes contextos sociais, como propostas familiares, em escolas e em toda a sociedade.

REFERÊNCIAS

ABDON, A. P. V. et al. Tempo de uso do smartphone e condições de saúde relacionadas em idosos durante a pandemia da covid-19. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 25, 2022.

BRASIL. Lei nº 14.423, de 2022. Estatuto da Pessoa Idosa. Brasília, DF: Casa Civil, 2022.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012. DOU de 13/06/2013 (nº 112, Seção 1, pág. 59).

CASADEI, Graciele; BENNEMANN, Rose Mari; LUCENA, Tiago. Influência das redes sociais virtuais na saúde dos idosos. **Enciclopédia Biosfera**, v. 16, n. 29, 2019.

CONCEIÇÃO, L. R.; BIFANO, A, C. S. A pessoa idosa e as tecnologias digitais: o que a bibliografia revela no caso do Brasil de 2007 a 2017. **Revista Kairós-Gerontologia**, v. 23, n. 2, p. 625-642, 2020.

DINIZ, Janylle Lucas et al. Inclusão digital e o uso da internet pela pessoa idosa no Brasil: estudo transversal. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, 2020

EULÁLIO, M. C. ARRUDA, L. F. Estimulação Cognitiva para idosos: avaliação quase experimental de atividades propostas para estimular a memória. In: MENDONÇA JÚNIOR F. J. B.; MENEZES, H. S. G.; LEITE, A. F.(orgs.). **Rede de Saberes IV**, 331-351. EDUEPB, 2022.

FLAUZINO, K. DE L. et al.. Letramento Digital para Idosos: percepções sobre o ensino-aprendizagem. **Educação & Realidade**, v. 45, n. Educ. Real., 2020 45(4), 2020.

KAWAKAMI, Roselma Marcele da Silva Alexandre et al. Experiências de solidão entre os idosos que moram sós. **Saúde Coletiva**, Barueri, v. 10, n. 57, p. 3729-3738, 2020

KLIMOVA, Blanka et al. Enriching Learning Experience-Older Adults and Their Use of the Internet. In: International Conference on Blended Learning. Springer, Cham, 2018. p. 426-437.

LIMA, José Carlos et al. Inclusão digital para idoso: possibilidades pedagógicas para uma aprendizagem emancipadora e significativa no contexto da pandemia. **SEMOC-Semana de Mobilização Científica-Envelhecimento em tempos de pandemias**, 2020.

LIMA NETO, Newton Vieira; CARVALHO, Alexandra Bittencourt de. Letramento digital: breve revisão bibliográfica do limiar entre conceitos e concepções de professoras e de professores. **Texto Livre**, v. 15, 2022.

LUCE, Bruno Fortes; THOMAZ, Raquel Prado; ESTABEL, Lizandra Brasil. Os idosos como imigrantes digitais e o acesso e uso das tecnologias digitais de informação e das redes sociais. **Biblionline**. João Pessoa. Vol. 15, n. 4 (2019), p. 104-115, 2019.

MELO, R. G. M.; FERREIRA, T. M. S.; SILVA, C. F. S. Psicogerontecnologia: a inclusão digital e sua contribuição à saúde mental das pessoas idosas. Anais do VIII Congresso Internacional de Envelhecimento Humano. **Editora Realize**. 2021.

MOTA, Paula Cristina; NEVES, Rui. Intergeracionalidade e TIC: visão dos jovens participantes num Programa Intergeracional. **Revista Kairós-Gerontologia**, v. 22, n. 2, p. 49-67, 2019.

NIMROD, Galit. Aging well in the digital age: Technology in processes of selective optimization with compensation. **The Journals of Gerontology: Series B**, v. 75, n. 9, p. 2008-2017, 2020.

OLIVEIRA, Marilene de; SILVEIRA, Pollyanna Santos da; SILVA, Cristiane Moreira da. As mulheres, os feminismos e as TICs. **Revista Katálysis**, v. 23, p. 449-458, 2020.

OLIVEIRA, Gisele Pereira; PEREIRA, Ana Carolina Costa. A aliança entre Tecnologias do passado e Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação via Investigação Científica. **Revista de Educação Matemática**, v. 18, p. e021031-e021031, 2021.

PENIDO, T. T. S. N.; SILVA, R. M. S. Alfabetização e letramento digital: uma análise sobre a inserção dos meios tecnológicos na educação. Anais do VII Congresso Nacional de Educação, 2021.

ROBERTO, Magda Sofia; FIDALGO, António; BUCKINGHAM, David. O papel da solidariedade intergeracional no âmbito da literacia digital. **Revista Kairós-Gerontologia**, v. 17, n. 2, p. 09-25, 2014.

SCHUCK, Rogério José; CAZAROTTO, Rosmari Terezinha; SANTANA, Elaine Lima. Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) no ensino de Geografia nos anos finais do Ensino Fundamental. **Ensino Em Re-Vista**, v. 27, n. 3, p. 1131-1154, 2020.

SOARES, S. M. et al. Tecnologias digitais no apoio ao cuidado aos idosos em tempos da pandemia da COVID-19. In: SANTANA, R. F (Org.). *Enfermagem gerontológica no cuidado do idoso em tempos da COVID 19*. Brasília, DF: **Editora ABen**; (Serie Enfermagem e Pandemias, 5), 2021. <https://doi.org/10.51234/aben.21.e05.c04>

SOARES, M. A. M.. **Narrativas de um grupo de professores no processo de atuação com as tecnologias digitais de informação e comunicação na cidade de Chapadinha-MA**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Santa Cruz do Sul, 2021.

TAMANINI, Paulo Augusto; SANTOS, Jean Mac Cole Tavares; DO SOCORRO SOUZA, Maria. Cultura digital: tecnologias, escola e novas práticas educativas. **Pedagógica: Revista do programa de Pós-graduação em Educação-PPGE**, n. 22, p. 1-19, 2020.

TILVITZ, Aline Inêz; AREOSA, Silvia Virginia Coutinho. Inclusão Digital de idosos: as (TICs) e o uso do celular. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, v. 27, n. 1, 2022.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.

XIE, Bo et al. When going digital becomes a necessity: Ensuring older adults' needs for information, services, and social inclusion during COVID-19. **Journal of Aging & Social Policy**, v. 32, n. 4-5, p. 460-470, 2020.

ZACARIAS, Eliane Costa. As novas tecnologias da informação e comunicação (NTDICS): um desafio para o professor dos anos iniciais do ensino fundamental i. **Anais do EVINCI-UniBrasil**, v. 6, n. 1, p. 269-269, 2020.

Enviado em: 30-06-2023

Aceito em: 22-12-2023

Publicado em: 28-12-2023